



## O REGRESSO AOS MERCADOS

Foto /semana passada – *Nota-se agora e bem, várias clareiras sem vendedoras da parte de cima do Bolhão.* Estão a desaparecer as vendedoras. Umas atrás das outras. “Porque será?”<sup>1</sup> - A resposta a esta pergunta não é “Por causa da crise”. Estas pessoas estão habituadas à crise desde sempre. 2 - A resposta a esta pergunta não é “Porque as gentes da periferia (próxima ou afastada) não têm (coitaditos) lugar para estacionar os carros, numa sua (deles) hipotética vinda ao Bolhão para comprar alfaces”, como pareceu fazer crer Manuel Pizarro com a sua (dele) idéia em propôr que o Silo-Auto possa servir (de alguma forma) para estacionamento privilegiado a eventuais compradores em quatro rodas. Vindos de longe de propósito para comprar Alfaces no Bolhão? Então, e o continente ali tão perto do nó? Quem vai ao Bolhão às compras de frescos, não Manuel Pizarro, vê que 90 % das pessoas que lá estão a comprar são senhoras e casais - ao sábado de manhã - que vieram a pé com os seus carrinhos de compra portáteis (duas rodinhas para descer e subir escadas e um cabo para pegar), ou outros que vieram de Metro à baixa fazer outras coisas e de metro voltarão para a sua centralidade próxima ou periferia (próxima ou afastada). Não há qualquer problema de acessibilidade ao Bolhão. Ide e vereis. 3 – A resposta a esta pergunta não é sequer “Porque Menezes não recupera o Bolhão”. Porque sim, Menezes haveria, se ganhasse de dizer que recuperaria o Bolhão. Inteligência não lhe falte, que é apoiado também pelo arq-º Massena - Até ver, o arqº Massena é o autor do único projecto consistente, completo e orçamentado que se conhece para o Bolhão. Favas contadas então, para Menezes e para o Bolhão?... Haverá concerteza lá mais para a frente a continuação (infinita) de uma qualquer confusão institucional (que se espera, já estamos cansados e habituados), pois agora o que está a jogo não é “afinal”( por várias razões, boas, más e discutíveis) este projecto do Arq-º Massena, mas o “Projecto do IGESPAR”, (esse mito urbano?), presumo que ainda não definitivo, ainda sem financiamento garantido, supostamente “caro”(?) e, definitivamente “não - definitivo” ? *C'est le Chaos.* A resposta a esta pergunta não é ainda (infelizmente) uma questão só para Arquitectos. 4 - A resposta está na mudança do Regulamento Municipal dos Mercados, do tempo de Fernando Gomes, e que muito jeito deu a uns e outros (PS, PSD e investidores interessados em abocanhar os mercados municipais) e que determina a morte lenta dos mercados pela expressa proibição da passagem de licença municipal de venda para filhos ou familiares e pela negação continuada da abertura de novas licenças para venda, apesar de haver inúmeras pessoas interessadas. Não veremos nem Menezes nem Pizarro propôr a alteração desta alteração que é o que salvaria o Bolhão da sua morte lenta, da morte humana e física de gente que vende (Arquitectura à parte). Assim sendo, sem vendedoras, e a nada ser alterado neste regulamento é evidente que (reabilitado ou não), daqui a 5 anos, Pizarros ou Menezes venderiam o Mercado à Mota Engil, como se fêz com o Bom Sucesso. “Aposto o que quiserem”. Aliás, o Engº António Mota apoia Menezes. Já temos então quem construa “as novas pontes” e fique com o Bolhão, da mesma forma que a Fundação Engº António da Mota ficou com o Bom Sucesso. (Alívio) 5 – No Bolhão pois, “regressámos aos mercados”. E assim sendo tentei vender alguns cêntimos de dívida pública que detenho à dona Fátima (virar à esquerda ao fundo, quem entra no Bolhão pela Rua Fernandes Tomás, ótimas alfaces e cenouras, cultivo próprio, ao lado, a senhora que vende os melhores Bróculos) que me mandou dar uma *ganda bolta*.